

The  
Play



# The Play

ELLE  
KENNEDY

BRIAR U

OS DESENCONTOS  
DE DEMI E HUNTER

Tradução

JULIANA ROMEIRO

pa  
ra  
le  
la

Copyright © 2019 by Elle Kennedy

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL The Play: Briar U

CAPA E FOTO DE CAPA Paulo Cabral

PREPARAÇÃO Alexandre Boide

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Jasceline Honorato

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Kennedy, Elle

The Play / Elle Kennedy ; tradução Juliana Romeiro. —  
— São Paulo : Paralela, 2020. — (Briar U ; v. 3)

Título original: The Play : Briar U.  
ISBN 978-85-8439-161-5

I. Ficção canadense (inglês) I. Título. II. Série.

20-32956

CDD-813

---

Índice para catálogo sistemático:

I. Ficção : Literatura canadense em inglês 813

Maria Alice Ferreira — Bibliotecária — CRB-8/7964

[2020]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

editoraparela.com.br

atendimentoao leitor@editoraparela.com.br

facebook.com/editoraparela

instagram.com/editoraparela

twitter.com/editoraparela

*Para Sarah J. Maas, pelo apoio e  
entusiasmo. E por me lembrar do motivo  
por que escrevo.*



## HUNTER

Que porcaria de festa.

Devia ter ficado em casa, mas hoje em dia minha “casa” é que nem morar no set de filmagem de um programa das irmãs Kardashian. Graças às minhas três colegas de república, o lugar é um festival de estrogênio.

Tudo bem que tem bastante estrogênio rolando aqui na casa da fraternidade Theta Beta Nu, mas é do tipo pelo qual posso sentir atração. Todas as minhas colegas de república têm namorado, então são território proibido.

*Estas mulheres também são território proibido...*

Verdade. Por causa de minha autoimposta abstinência, não posso chegar em ninguém, ponto-final.

O que levanta a pergunta: se uma árvore cai numa floresta e você não pode comer ninguém numa festa de fraternidade, dá pra continuar chamando isso de festa?

Pego o copo de plástico que meu amigo e colega de time Matt Anderson acabou de me trazer. “Valeu”, murmuro.

Dou um gole e faço uma careta. A cerveja tem gosto de água, mas talvez isso seja uma coisa positiva. Um bom incentivo para não beber mais que uma. O treino amanhã só começa às dez, mas quero chegar no ginásio umas duas horas mais cedo, para treinar minha tacada.

Depois do desastre da temporada passada, jurei dar prioridade ao hóquei. Na segunda começa um novo semestre, na semana que vem tem o nosso primeiro jogo, e estou animado. A Briar não se classificou para o campeonato nacional no ano passado e a culpa foi minha. Esta temporada vai ser diferente.

“O que achou dela?” Matt aponta discretamente com a cabeça para uma menina bonita de shortinho e camisola rosa clara. Não está de sutiã, e o contorno dos mamilos é bem visível sob o material sedoso.

Minha boca chega a salivar.

Cheguei a falar que é uma festa do pijama? Pois é, faz cinco meses que não transo e estou abrindo o terceiro ano numa festa em que as mulheres presentes não estão vestindo quase nada. Nunca disse que era esperto.

“Gostosa”, digo a Matt. “Vai lá tentar a sorte.”

“Até iria, mas...” Ele deixa escapar um gemido. “Ela tá de olho em você.”

“Bom, eu não estou disponível”, respondo, dando de ombros. “Pode ir lá falar isso pra ela.” Dou um cutucão de brincadeira em seu braço. “Tenho certeza de que ela vai te achar um bom prêmio de consolação.”

“Rá! Nem vem. Não sou segunda opção de ninguém. Se ela não estiver a fim de mim, prefiro arrumar quem esteja. Não preciso competir por atenção de mulher.”

É por isso que gosto de Matt — ele é competitivo no gelo, mas fora dele é um cara decente. Jogo hóquei minha vida inteira, e já tive colegas de time que nem titubeariam antes de roubar a mulher de outro, ou pior, ficariam com ela pelas costas. Já joguei com caras que tratam nossas torcedoras como se fossem descartáveis, que dividem mulheres com os amigos como se fossem balas. Homens que não têm o menor respeito e o mínimo bom senso.

Mas, na Briar, tenho sorte de jogar com gente de confiança. Claro que nenhum time está livre de um babaca ou outro, mas, no geral, a maioria de meus colegas são sujeitos legais.

“É, acho que não vai ser difícil”, concordo. “A morena aqui à direita já está te pegando em pensamento.”

Assim que encontram a garota curvilínea de camisola branca, seus olhos castanhos se arregalam, satisfeitos. Ela fica vermelha ao notar e então sorri, tímida, erguendo o copo num brinde à distância.

Matt me abandona sem olhar para trás. Não o culpo.

A sala da casa está lotada de meninas de lingerie e garotos com pijamas de Hugh Hefner. Eu não sabia que era uma festa temática, então

estou de calça cargo e regata branca, e por mim tudo bem. A maior parte dos caras parece não ter noção do ridículo que é estar vestido assim.

“Gostando da festa?” A música está bem alta, mas não o suficiente para que eu não consiga escutar a garota. Aquela que Matt estava conferindo.

“É. Tem bastante gente.” Dou de ombros. “O DJ é bom.”

Ela se aproxima. “Meu nome é Gina.”

“Hunter.”

“Eu sei quem você é.” E sua voz transborda de compaixão. “Eu estava na arena no jogo contra Harvard, quando aquele idiota quebrou o seu pulso. Não acredito que ele fez aquilo.”

Eu acredito. Peguei a namorada dele.

Mas fico quieto. Não foi de propósito, afinal. Não tinha ideia de quem era a garota quando dormi com ela. Mas, pelo jeito, *ela* sabia quem eu era. Queria se vingar do namorado, mas eu não sabia disso até ele pular em cima de mim no meio do segundo jogo mais importante da temporada, o que determina quem vai para o Frozen Four, esse *sim* o principal da temporada universitária. O pulso quebrado foi o resultado de uma derrubada que me estatelou no gelo. O babaca de Harvard não tinha a intensão de me quebrar, mas aconteceu e, de uma hora para a outra, eu tava fora da partida. E o nosso capitão também, Nate Rhodes, que foi expulso por arrumar briga, tentando me defender.

Tento voltar ao presente. “Foi um péssimo jeito de terminar a temporada”, comento.

Ela leva uma das mãos ao meu bíceps direito. Meus braços estão enormes, diga-se de passagem. Quando você não está pegando ninguém, malhar é fundamental para manter a sanidade.

“Sinto muito”, murmura Gina. Seus dedos deslizam gentilmente por minha pele, enviando uma trilha de calor por meu braço.

Quase solto um gemido alto. Minha nossa, estou com tanto tesão que uma mulher acariciando o meu *braço* está quase me deixando de pau duro.

Eu sei que deveria afastar a mão dela, só que faz tempo demais desde que fui tocado de um jeito que não fosse platônico. Em casa, minhas colegas de república estão o tempo todo me agarrando, mas não tem nada

de sexual nisso. Brenda gosta de dar um tapa ou um beliscão em minha bunda toda vez que passamos um pelo outro no corredor, mas não é porque esteja a fim de mim. Só gosta de encher o saco.

“Quer ir para algum lugar mais sossegado e conversar ou coisa do tipo?”, sugere Gina.

Já vivi neste planeta por tempo suficiente para saber o que uma garota quer dizer com “conversar ou coisa do tipo”:

- 1) Não vai ter muita conversa.
- 2) Vai ter muita “coisa do tipo”.

Gina não poderia ter sido mais clara se estivesse carregando um cartaz que dissesse VEM ME PEGAR! Ela chega até a lamber os lábios ao fazer a pergunta.

Eu sei que deveria dizer não, mas a ideia de voltar para casa agora e bater uma no quarto enquanto minhas colegas de república fazem uma maratona de *The Hills* não é muito animadora. Então eu digo “Claro”, e sigo Gina para fora da sala.

Acabamos numa sala menor que contém um sofá, duas estantes de livros e uma mesa sob a janela. Por incrível que pareça, não tem ninguém aqui. Os deuses das festas ficaram com pena do meu celibato e nos presentearam com o tipo de privacidade perigosa que na verdade eu deveria evitar. Em vez disso, estou no sofá, deixando Gina beijar meu pescoço.

Sua camisola de cetim roça o meu braço, e a sensação de quase ausência de fricção é quase pornográfica. Tudo me deixa excitado ultimamente. Outro dia, fiquei de pau duro vendo uma propaganda de tupperware no YouTube porque a tia gostosa da propaganda estava descascando uma banana. E então ela picou a banana e colocou num potinho de plástico, e nem esse simbolismo terrível me impediu de bater uma pra tia da banana. Mais uns meses e vou estar deflorando as tortas de maçã que minha colega de república Rupi faz todo domingo.

“Você tem um cheiro tão bom.” Gina inspira fundo, então expira, e sua respiração quente faz cócegas em meu pescoço. Seus lábios se colam à minha pele de novo, quentes e úmidos contra o meu pescoço.

Ela está no meu colo, e a sensação é ótima. Suas coxas torneadas me

envolvem, seu corpo quente e envolto em cetim é cheio de curvas. E eu tenho que parar agora.

Fiz uma promessa a mim mesmo e ao meu time, embora ninguém tenha me pedido isso e todos me achem louco por sequer tentar esse negócio de abstinência. Matt foi bem claro ao dizer que não acredita que reprimir meus impulsos sexuais vai ajudar em alguma coisa com os nossos jogos. Mas eu acho que vai e, pra mim, é uma questão de princípio. Os caras me escolheram como capitão. Levo a responsabilidade muito a sério, e sei por experiência própria que tenho uma tendência a deixar as mulheres perturbarem a minha cabeça. Sair pegando geral me fez quebrar o pulso no ano passado. Não estou interessado em repetir isso.

“Gina, eu...”

Ela me interrompe, apertando os lábios contra os meus, então estamos nos beijando, e minha mente começa a girar. Ela tem gosto de cerveja e chiclete. E o cabelo, que cai por cima de um dos ombros numa cortina de cachos vermelhos, tem cheiro de maçã. Humm, quero devorar essa menina.

Nossas línguas dançam, e os beijos começam a ficar mais intensos. Minha cabeça continua a girar, com o desejo e a infelicidade lutando dentro de mim. Perdi toda e qualquer habilidade de pensar direito. Estou tão duro que dói, e Gina só piora as coisas, se esfregando em cima de mim.

Só mais trinta segundos, digo a mim mesmo. Só mais trinta segundos, e eu vou parar.

“Eu te quero tanto.” Seus lábios estão colados ao meu pescoço de novo, e então, *merda*, suas mãos descem por meu corpo. Ela segura o meu pau por cima da roupa, e quase choro de prazer. Faz tanto tempo que uma mão que não seja a minha me toca desse jeito. Parece um crime de tão bom.

“Gina, não”, murmuro, com um gemido, e preciso de toda a força do mundo para afastar sua mão. Meu pau protesta, deixando escapar dentro da cueca as primeiras gotas de prazer.

Seu rosto está corado. Os olhos, enevoados. “Por que não?”

“Estou... dando um tempo com isso.”

“Isso o quê?”

“Sexo.”

“O que tem o sexo?”

“Decidi parar.”

“Parar com o quê?” Ela parece tão confusa quanto estou arrasado.

“Parar com o sexo”, explico, triste. “Tipo, decidi parar de transar por um tempo.”

Ela franze a testa. “Mas... por quê?”

“É uma longa história.” Faço uma pausa. “Na verdade, não tem nada de longa. Quero me concentrar no hóquei esse ano, e o sexo é uma distração grande demais. Só isso.”

Ela fica em silêncio por ainda mais tempo. Então toca meu rosto e desliza o dedo por minha barba por fazer. Lambe os lábios, e quase gozo nas calças.

“Se está preocupado que vou querer algo mais, nem esquento. Só estou a fim de um lance casual. Minha grade na faculdade está uma loucura este semestre, e também não tenho tempo para relacionamento sério.”

“Não é uma questão de ter ou não um relacionamento”, tento explicar. “É o sexo em geral mesmo. Se eu faço uma vez, quero ficar fazendo de novo e de novo. Isso me distrai e...”

Ela me interrompe de novo. “Tá legal, nada de sexo. Então vou só te chupar.”

Quase engasgo com a língua. “Gina...”

“Não esquento, eu gozo enquanto estiver fazendo. Fico louca de tesão.”

Isto é tortura.

Pura tortura.

Vou dizer uma coisa, será que os militares estão precisando de ideias sobre como dobrar alguém? É só entregar a eles um universitário excitado, jogar uma gostosa no colo dele dizendo que só quer um lance casual e oferecer um boquete porque fica *louca de tesão* com isso.

“Desculpa”, consigo murmurar. Então realizo o feito ainda mais difícil de tirá-la do meu colo e ficar de pé. “Não estou com a cabeça boa pra... nada disso.”

Ela continua sentada, a cabeça reclinada para trás, para me encarar.

Seus olhos estão arregalados de incredulidade e um quê de... acho que é *compaixão*. Pelo amor de Deus. Agora sou digno de pena por causa do meu celibato.

“Desculpa”, repito. “E, pra deixar tudo bem claro, sei que estou com a garota mais bonita da festa, e minha decisão não tem nada a ver com você. Fiz uma promessa pra mim mesmo em abril e quero manter.”

Gina morde o lábio inferior. Então, para minha surpresa, sua expressão adquire ares de admiração. “Não vou mentir”, ela diz, “mas tô meio impressionada. Poucos caras conseguiriam manter a palavra com alguém como eu.”

“Poucos caras são tão burros quanto eu.”

Sorrindo, ela fica de pé. “Bem, te vejo por aí, Hunter. Gostaria de dizer que vou esperar por você, mas as garotas têm suas necessidades. E tá na cara que as minhas não combinam com as suas.”

Com uma risada, ela deixa a sala, e vejo seu quadril rebolando a cada passo.

Passo ambas as mãos pelos cabelos e então abafro um gemido contra a palma da mão. Não sei se devia me orgulhar de mim ou arrepentir minha própria cara por causa dessa opção ridícula que resolvi fazer.

Em geral, até que tem, *sim*, me ajudado a me concentrar no hóquei. Desconto toda a minha frustração sexual no gelo. Estou mais rápido e mais forte do que na temporada passada, e tem quase um desespero em cada tacada que mando pra rede. Acerto o alvo quase como se em tributo ao sofrimento do meu pau. Um reconhecimento que o sacrifício precisa ser honrado.

É só até o final da temporada, tento me acalmar. Só mais sete meses e, quando chegar ao final, vou ter completado um ano de celibato. E aí, vou me presentear com um verão inteiro de sexo. Um verão do sexo.

Um verão interminável de sexo selvagem...

Ai, meu Deus. Estou cansado da minha própria mão. Tudo bem que não me ajuda em nada fazer essas coisas idiotas, tipo me entregar à tentação com garotas gostosas de fraternidade.

Pela primeira vez em muito tempo, estou doído para as aulas começarem. Com sorte, vou estar tão ocupado neste semestre que vou me afogar nos estudos. Trabalhos da faculdade, tempo extra de gelo, treino

e jogos — é só nisso que vou me concentrar. E nada de festas de fraternidade.

Evitar a tentação é o único jeito de manter o foco no hóquei e o pau dentro das calças.

## 2

### DEMI

“Passa o trinco”, digo ao meu namorado Nico quando ele encosta a porta do quarto atrás da gente. Só porque a festa de hoje é na minha fraternidade não significa que meu quarto esteja aberto ao público. Na última vez em que demos uma festa e esqueci de trancar a porta, voltei pra pegar um casaco e dei de cara com uma sessão de sexo a três. Um dos dois homens tinha até cometido a barbaridade de usar Fernando, meu panda de pelúcia de um olho só, como travesseiro embaixo da bunda da menina. Sabe como é, né, para facilitar a dupla penetração que estava prestes a começar.

*Isso nunca mais vai acontecer*, Fernando, prometo em silêncio a meu amigo de infância enquanto o coloco sobre a mesa de cabeceira para abrir espaço pro meu namorado.

Nico cai de costas na cama, cobre o rosto com o braço e solta um suspiro cansado. Ele perdeu a festa porque precisava trabalhar, mas fico feliz que tenha se dado o trabalho de vir pra cá depois do expediente, em vez de ir pro quarto e sala em que mora de aluguel em Hastings. A cidadezinha fica a dez minutos de carro do campus da Briar, então não é tão longe. Mas sei que teria sido mais fácil ir direto pra casa e dormir.

“Cansado?”, pergunto baixinho, com pena dele.

“Morto”, é sua resposta abafada. Ele está cobrindo os olhos com o antebraço, o que me dá a oportunidade de admirar seu corpo sem ouvir gracinhas por isso.

Nico tem o porte alto, magro e atlético típico de um jogador de basquete. Embora jogasse de armador no ensino médio, não conseguiu bolsa de atleta em nenhuma faculdade e nunca foi bom o suficiente para

entrar na NBA. Acho que ele não liga. O basquete era só uma diversão com os amigos de colégio; o que ele ama de verdade são os carros. Mas, embora não pratique esporte hoje em dia, ainda está em ótima forma. Faz muito exercício levantando caixas e móveis na empresa de mudanças em que trabalha.

“Pobrezinho”, murmuro. “Deixa eu cuidar disso.”

Sorrindo, começo por seus pés e vou subindo. Tiro o tênis, abro o cinto e deslizo sua calça pelas pernas. Ele se senta para me ajudar com o moletom e depois desaba na cama de novo. Agora está de peito nu, só de cueca e meia, com o braço cobrindo o rosto de novo, para proteger os olhos da luminosidade.

Com pena, apago a luz do teto e acendo o abajur da mesinha de cabeceira, que é mais suave.

Então me ajeto do lado dele, vestindo a camisola de seda preta que coloquei para a festa.

“Demi”, murmura ele, quando começo a beijar seu pescoço.

“O que foi?”

“Estou muito cansado para isso.”

Minha boca viaja ao longo de sua mandíbula, e sua barba por fazer arranha meus lábios. Alcanço sua boca e dou um beijo suave. Ele me beija de volta, mas é só por um instante. Então solta outro gemido cansado.

“É sério, gata, estou sem energia. Trabalhei catorze horas seguidas.”

“Pode deixar que eu faço todo o trabalho”, sussurro, mas quando minha mão desliza para sua virilha, não tem nenhum sinal de vida lá embaixo. Está mole feito macarrão.

“Outra hora, *mami*”, diz ele, sonolento. “Por que não assiste seu programa de terror ou faz outra coisa?”

Engulo a decepção. Tem mais de uma semana que a gente não transa. Nico trabalha todo fim de semana e várias noites, mas amanhã ele está de folga, então é um dos raros sábados em que a gente poderia ficar acordado até tarde, se divertindo, se quisesse.

Mas ele não moveu um músculo desde que deitou.

“Tudo bem”, dou o braço a torcer e pego meu laptop. “O último episódio é ‘Crianças que matam’, mas não me lembro se fiz você ver o que passou antes desse, ‘Palhaços que matam’...?”

Nico ronca baixinho.

Que ótimo. É sábado à noite, tem uma festa bombando no primeiro andar, e não são nem dez da noite. Meu namorado gostoso apagou na minha cama e estou prestes a assistir um programa sobre assassinos. Sozinha.

Que sonho essa vida de universitária! U-hu!

Para piorar as coisas, este vai ser o último fim de semana sem estresse que vamos ter em muito tempo. Segunda-feira começa o semestre de outono, e minha grade está lotada. Estou cursando o preparatório para medicina, então preciso ter mais do que notas excelentes nos últimos dois anos na Briar se quiser entrar numa boa faculdade de medicina. Quase não vou ter tempo para ficar com Nico.

Dou uma olhada rápida na pilha de músculos que ronca ao meu lado. Ele não parece incomodado com o nosso iminente afastamento. Mas talvez tenha um motivo pra isso. Estamos namorando desde o oitavo ano. Nosso relacionamento teve seus altos e baixos ao longo dos anos, chegamos a romper algumas vezes, mas sobrevivemos a todos os obstáculos e vamos sobreviver a isto também.

Entro debaixo das cobertas, um feito e tanto, com o corpo de Nico pesando do outro lado do lençol. Coloco o computador no colo e ligo o último episódio do meu programa favorito. Minha vontade é dizer que acompanho essa série só por causa do componente psicológico, mas... quem estou querendo enganar? É um troço doentio, e eu adoro.

A música sombria invade o meu quarto, seguida pela familiar voz monótona do apresentador britânico, dizendo que estou prestes a embarcar em sessenta minutos maravilhosos de crianças que matam.

O fim de semana passa voando. A manhã de segunda-feira chega trazendo a primeira aula do meu terceiro ano, e da disciplina que mais estou empolgada para cursar — Psicologia Anormal. E, o que é melhor, dois dos meus melhores amigos também estão na turma. Eles estão esperando por mim nos degraus de pedra do enorme edifício coberto de hera.

“Uau, tá gostosa hoje, hein!” Pax Ling me abraça, dá um beijo baru-